Ano XXIV — Lisboa, Abril de 1968 — N.º 276

# SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista · Agraciado com "O Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

# A PROPÓSITO DA FRATERNIDADE ESCOTISTA

pelo Rev. EDUARDO MOREIRA

O espectáculo que o mundo de hoje nos oferece merece talvez mais do que nunca a frase de Plauto nos «Asinaria», repetida por Francis Bacon e Hobbes, frase candente de ironia e ressumando tristeza: «o homem é lobo do homem». Contudo me parece não exprimir essa frase com suficiente energia o estado geral dos grupos humanos, na sua maioria, pois o lobo genuíno, *canis lupus* de Linneu, é movido pela sua condição natural, a que nós, seres orgulhosamente racionais, chamamos instinto. Além do que, como insinua o prolóquio francês, «os lobos não se devoram uns aos outros». E até de cristãos disse Paulo (aos Gálatas 5, 15): «Se vós vos mordeis e devorais uns aos outros...»

É a fome que leva os carnívoros a trucidarem seres em geral indefesos, ou mais fracos, ainda que o façam sem ordem nem medida, quando a ocasião se lhes proporciona. E classes de herbívoros há em que os machos lutam pela posse das fêmeas e o domínio da manada, lei natural ditada pela necessidade da procriação e o sentido gregário. Tudo regulado. Há ainda, por excepção, os casos de morbidez, como a raiva.

Mas o homem! Na posse de superiores aptidões para medir e controlar os instintos, tem tido e mantido os seus guerreiros para incitar e exacerbar ambições e vinganças, épicos para cantar as vitórias e conquistas, senhores feudais para tirarem de tudo isso o maior proveito, no ápice da pirâmide social.

Não quero esquecer que houve em Roma um Marco Aurélio ou em Portugal um «Príncipe Perfeito»; e tantos mais, em diferentes épocas e países, que todavia constituíram excepção. D. Pedro I dançou com o povo na Praça da Alegria e D. Pedro V visitou os hospitais quando médicos se furtavam à febre amarela... Mas insisto melancòlicamente no meu clamor, ao contemplar o cenário mundial.

Deixai-me resumir numa palavra o mal endémico, buscando para isso a coragem dum Zola na célebre questão Dreyfus: «Acuso!».

«Para os grandes males, grandes remédios», diz o nosso povo; e para as ocasiões de crise, diagnóstico urgente e breve. Eu acuso como causa de todo o mal — o ódio; e indico como panaceia heróica, verdadeira e honesta — o amor.

Os homens são irmãos. Irmãos na remota origem e na dor presente. Deveriam pois constituir camaradagem leal no acampamento duma batalha pacífica e ser uma companha unida e hábil na pesca de almas para com elas criar uma fraternidade eficaz e perpétua.

Eu sei que um certo contemporâneo de Jesus veio pedir-lhe seus bons ofícios numa questão de partilhas, e o Mestre divino lhe respondeu àsperamente: «quem me fez repartidor entre vós?» De facto o verdadeiro cristianismo desdenha os valores materiais quando pretendem dominar, e actua centrífuga e não centrìpetamente. Busca o íntimo do ser, a consciência, para que, convertido o «eu» moral, este modifique o seu exterior social. A carta de S. Paulo a Filémão, para que este recebesse o escravo Onésimo como seu irmão, ou como se ele fosse o próprio Paulo, fez mais contra a escravatura do que as três revoluções dos escravos, culminadas com a de Espártaco.

Bem sei que está levando tempo a vitória sobre a fera. Há ainda a escravidão prática em lugares do Oriente e a escravatura disfarçada em lugares do Ocidente. Mas quem goza de boa vista divisa ao longe a vitória.

*

O Escotismo veio, ao fim de séculos, oferecer aos jovens e, por eles, ao mundo, um método de acção colectiva e temporã, acima do desporto grego, dos jogos florais da

Continua na pág. 6

# UM CRIME REPUGNANTE

*Ainda sob os benfazejos sentimentos recebidos com a leitura do editorial que neste número publicamos da autoria do nosso querido e distinto colaborador Sr. Rev. Eduardo Moreira, fomos surpreendidos com a infausta nova de mais uma hedionda proeza da máquina do crime. Referimo-nos ao assassínio do Dr. Martin Luther King, o apóstolo da liberdade dos negros americanos, traiçoeiramente abatido a tiro, em 4 do mês corrente, na cidade norte-americana de Mênfis.*

*É significativo notar o já apreciável número de casos em que, indivíduos nìtidamente contrários ao uso de processos violentos para dirimir questões sociais, encontraram a morte às mãos de implacáveis agentes dos seus opositores. Lembramos, entre outros, Dag Hammarskjold, também, como Luther King, Prémio Nobel da Paz, o conde Folke Bernadotte, activo dirigente escotista e medianeiro de paz da ONU no Médio Oriente, Gandhi, cujos ideais de não-violência tão depressa foram esquecidos, e John Kennedy que, apesar de tudo, era sem dúvida um espírito consagrado às obras do bom entendimento entre os povos.*

*Foi agora a vez de Luther King. Que dizer de um acto praticado com tão trai-*

Continua na pág. 6

# Aos meus Prezados Companheiros da Fratrenal relembrando a visita do "Chefe", há 34 anos

13 de Abril de 1934, pelas 17 horas, já os escoteiros se encontravam formados em frente da Rocha do Conde de Óbidos.

Os barcos, que estacionavam naquela doca, estavam apinhados de gente, outro tanto sucedendo nas escadarias da Rocha.

O «*Adriatic*» encontrava-se vistosamente embandeirado em arco. No topo do mastro da proa, ondulava a bandeira portuguesa e nos restantes mastros as bandeiras do movimento escotista.

Dentro de poucos minutos, surgia, acompanhado pelo seu médico assistente e por uma enfermeira, a figura do general Baden-Powell, que se veio colocar à boca do portaló, onde havia sido colocado prèviamente um microfone.

Os escoteiros fizeram nesse momento uma vibrante manifestação ao fundador do escotismo.

*Lady* Baden-Powell passa então revista, acompanhado pelo Major Murray, às formações de guias e escoteiros portugueses, tendo eu, nessa formatura, tido a subida honra de ser o portador da nossa bandeira, do pavilhão nacional, enquanto a Sr.ª D. Fernanda de Orey, acompanhada pelo chefe Fausto Leite, passava igual revista às guias e escoteiros ingleses.

A banda da Casa Pia toca o hino britânico e a «Portuguesa», que o genial fundador ouve de pé.

Aproximou-se então do microfone *Lady* Baden-Powell que disse: — «*Quero dizer-vos como eu e o General estamos encantados por nos encontrarmos aqui convosco, escoteiros portugueses.*

«*Agradeço-vos a forma correcta como marchastes pelas ruas de Lisboa. Eu já tinha ouvido elogiar o movimento escotista em Portugal, mas fiquei encantada em ver-vos desfilar, não tanto pela aparência, mas pelo que esse desfile representa no vosso coração.*

«*Espero que todos vós acheis o jogo do escotismo absolutamente interessante para a vossa vida.*

«*E se bem que muitos de vós não sejais escoteiros de há muito tempo, fazeis, contudo, o melhor que vos é possível para vos tornardes escoteiros perfeitos.*

«*O General e eu achamos o vosso movimento muito interessante e todos esperamos que vós sejais rapazes perfeitos, para que no futuro sejais perfeitos cidadãos.*

«*Nesta viagem, trouxemos grande número de guias e chefes do movimento escotista para verem os seus irmãos — escoteiros de Portugal.*

«*Esperamos ter estabelecido desta forma um contacto mais íntimo entre a Inglaterra e Portugal, que têm sido duas nações amigas desde há muito tempo.*

«*Vós tendes, na Grã-Bretanha, muitos milhares de escoteiros que desejam ser vossos amigos.*

E terminou dizendo: — «*Lorde Powell deseja as vossas felicidades e ele próprio vai falar*».

Logo que o Chefe do escotismo se levantou, os escoteiros sentaram-se no chão.

Baden-Powell disse: — «**Scouts**, *irmãos, quero dizer-vos quanto sinto não ter podido desembarcar e visitar-vos na vossa capital*».

E declarou, gracejando:

— «*Arranjei um médico muito ríspido e uma enfermeira que me faz executar as suas ordens. Não me permitiram ter o prazer de visitar-vos.*

«*Quero agradecer-vos o terdes vindo aqui para me verdes.*

«*Há cerca de quatro meses que estou doente; é esta a primeira vez que visto o meu uniforme, para o poder apresentar aos escoteiros portugueses.*

«*Tive grande prazer em ver uma tão grande multidão de escoteiros e com tão boa aparência.*

«*Peço-vos desculpa de não falar português, mas prometo, quando chegar à Inglaterra, ir aprendê-lo, para falar o vosso idioma, quando aqui voltar outra vez.*

«*Trago-vos os protestos da amizade de todos os escoteiros ingleses e desejo-vos felicidades e muito bons acampamentos*».

Ao terminar, o General Baden-Powell recebeu estrondosas aclamações escotistas.

Falou a seguir, o Sr. Dr. Braga Paixão, presidente da Organização Escotista de Portugal, que afirmou:

— «*Pela minha boca falam todos os escoteiros aqui presentes e aqueles que por qualquer circunstância não puderam vir.*

«*Todos agradecem a sua visita, a sua lição e os seus conselhos.*

«*Os escoteiros prometem continuar a dar o melhor do seu esforço para honrar a causa do escotismo nacional.*

«*Assim todos trabalharão para obter no futuro mais paz, mais felicidade e mais progresso.*

«*Os escoteiros agradecem a promessa feita por Baden-Powell de aprender português, para melhor escutarem, na próxima visita, os seus conselhos e lições.*

«*Na pessoa do chefe, saúdam os escoteiros ingleses e os de todo o mundo, aos quais enviam um abraço forte de paz.*»

O General Baden-Powell foi aclamado por largo tempo, antes de retirar para o seu compartimento.

O «*Adriatic*» levantou ferro às 20 horas, com destino à Inglaterra.

Isto, prezados Companheiros, teve lugar há 34 anos! Quem já esqueceu tão simpática e agradável visita? Pelo menos, para viver da saudade.

*Eugénio Ribeiro Nunes*

# O Concurso de Encadernações

## Aproxima-se o desfecho desta iniciativa de «SEMPRE PRONTO»

**Já se encontram em nosso poder os trabalhos da autoria das Patrulhas FALCÃO, do Grupo 8, e ÁGUIA, do Grupo n.º 77, de Faro.**

**Como já noticiámos, havíamos recebido, há alguns meses, a encadernação feita pelos rapazes da patrulha LOBO, do Grupo n.º 44, de Vila Nova de Gaia, que foram os primeiros a concluir e a remeterem-nos o seu trabalho.**

**Estamos aguardando que elementos da patrulha CUCO, do grupo em formação em Benguela, nos enviem a encadernação, numa concessão de alargamento de prazo a todos os títulos justa, dado se encontrarem mais afastados e ser mais demorada a remessa.**

**Está, pois, a chegar o momento em que os trabalhos vão ser confiados ao júri, para os apreciar e classificar, a fim de ser proclamada a patrulha vencedora e os prémios entregues.**

# Acampar e fazer campismo

Talvez pelo grande mal de que enfermam muitas criaturas, que se julgam superiores pela posição social de que disfrutam e bens materiais que possuem, é frequente estabelecer-se grande diferença entre acampar e fazer campismo.

Baseiam-se essas criaturas no facto de acamparem ciganos, militares, caçadores, armadores de pesca, turistas, etc. Ora, todos estes podem, questão de circunstâncias favoráveis, vir a permanecer em qualquer parque de campismo e, assim, serem considerados campistas.

Porque então estabelecer grande diferença entre o campista que se instala num parque de campismo e o que, por não poder pagar a taxa de ocupação, aceita o campo cedido por especial favor para instalar a sua barraca? Deixa este de fazer campismo pelo facto de lhe escassearem recursos, ou revela mais qualidades de campista?

Os escoteiros acampam, é certo. Mas fazem campismo porque vivem a natureza, familiarizando-se com as plantas como seres vivos que são e merecem o nosso respeito e admiração. Se entre os seus companheiros ou estranhos se verificam dificuldades, todos se empenham em removê-las, até com risco da própria vida, e assim fazem verdadeiro campismo e humanismo.

Concluímos, pois, que entre acampar e fazer campismo a diferença não é de molde a que os maiores, segundo a sociedade, se preocupem com outras distinções que não sejam as da boa educação e formação espiritual, no sentido de se formar a unidade necessária à confraternização que se impõe para mais paz no vale de lágrimas que se chama Mundo.

*Joaquim de Sousa Piscarreta*




por **Mendes Marques**

## OS JAMBORIS NA FILATELIA

Como Robert Bastin escreveu, Jambori é, efectivamente, uma deliciosa compota de rapazes de todas as raças, de todos os temperamentos, de todas as religiões, que esquecem por alguns dias os seus antagonismos para serem apenas escoteiros dirigidos pela mesma lei, pelas mesmas práticas, pelos mesmos símbolos!

Desde Gödöllö a Farragutt que nenhum Jambori deixou de ser comemorado através de emissões de selos. Sabendo bem quanto a filatelia representa no campo publicitário, quer através de selos, quer de marcas postais, fàcilmente concluiremos que o selo muito tem contribuído para uma maior difusão do movimento no mundo.

Sandor Legrady, o pintor húngaro que desenhou todos os selos escotistas que a Hungria emitiu, com excepção do Y. 376, legou-nos a belíssima série comemorativa do 4.º Jambori Mundial. Este teve lugar na cidade de Gödöllö e os 5 selos (462/6) de desenho único, apresentam-nos o símbolo do mesmo jambori — o miraculoso veado branco, tendo por fundo a cruz de Santo Estêvão e a coroa magiar sobre 3 montes. Válidos apenas de 10 de Julho a 10 de Setembro de 1933, foram emitidos, denteados e não denteados, 130 317 exemplares de cada.

O 5.º Jambori — o último a que Baden-Powell assistiu —, teve lugar em Vogelenzang, na Holanda. Este país emitiu uma bela série de 3 valores, com desenhos diferentes da autoria de Pijke Koch, tendo circulado de 1 de Abril a 31 de Dezembro de 1937. O astrolábio — «bordão de José» —, o símbolo do Jambori, surge na emissão das Índias Holandesas (212/3).

Moisson (França), foi, em Agosto de 1947, o cenário do 6.º Jambori, inicialmente marcado para 1941 mas contrariado pela guerra. Foi, por isso, o «Jambori da Paz». O nós de *carrick* foi o seu símbolo, expresso no selo que a França pôs a circular em 2/8/47, desenhado e gravado por J. Piel.

Um dos mais belos selos da temática escotista foi emitido pela Áustria, em 3/8/951, por ocasião do 7.º Jambori, em Bad Ischl. Deste selo (Y. 800), desenhado por E. Schrom, foram emitidos 1 milhão de exemplares e da respectiva prova a negro «Schwarzdrucke», 800 exemplares.

Em Niagara-on-the-Lake, perto das famosas cataratas, realizou-se o 8.º. Sob desenho de Laurence Hyde, o Canadá emitiu em 21/8/55, 51 350 000 exemplares do selo Yvert 283.

Em 1957, celebrou-se o centenário do nascimento do fundador e o cinquentenário do escotismo. Sutton Park, na Inglaterra, foi o cenário do grandioso jambori comemorativo. 57 selos foram emitidos para comemorar o duplo aniversário, mas tão-sòmente 12 foram os consagrados ao 9.º Jambori, além dum aerograma especial. A Inglaterra emitiu o aerograma e 3 valores de desenho diferente. Os mesmos selos foram sobrecarregados para uso nas suas colónias de Bahrain, Dubai e Mascate.

O X realizou-se nas Filipinas, no Parque Nacional de Makiling, Laguna, de 17 a 26 de Julho de 1959, e mereceu da Administração Postal daquele país uma emissão de 7 valores, que teve a particularidade dos respectivos desenhos terem sido escolhidos pelos escoteiros filipinos. A Formosa, com 3 valores, e a Indonésia, com 6, também se associaram ao acontecimento.

Foi na célebre planície de Maratona que, em 1963, se realizou o XI Jambori Mundial. Da série de 5 selos emitidos pela Grécia, sob desenho de A. Tassos, merece uma referência especial o primeiro exemplar, cujo desenho reproduz uma pintura de Baden-Powell «*Atenas ao amanhecer*», pintada quando da sua primeira visita àquele país, em 1872. Também a Nigéria, com 2 selos — os primeiros de formato triangular —, as Maldivas, com 4, e Dubai, com uma inestética série de 10 valores, além de 3 aerogramas, comemoraram o Jambori.

Quanto ao XII, já aqui foram enumerados os selos emitidos. Apenas resta acrescentar a recente emissão de Grenada. Uma bela série de 6 valores que certamente muito irá agradar.

### CORRESPONDÊNCIA FILATÉLICA

José Manuel Mendes Marques — Seia (Portugal) — deseja correspondentes de todo o mundo para troca de selos e outras peças filatélicas do tema «Escotismo».

**Saber que se sabe o que se sabe e saber o que não se sabe, eis a sabedoria!**

*Alphonse Karr*

◆

**A inveja, um vício sem deleite, atormenta quando se dissimula e desacredita quando se conhece.**

*Solis*

## VII Poemeto Filatélico

**(Diante do selo comemorativo do centenário do malogrado bacteriologista Câmara Pestana).**

**Rapazes, aprendei a soletrar**
**O nome de Câmara Pestana,**
**Àquele que viveu para salvar**
***(salvar,* eis a tarefa soberana).**
**Se outros heróis o foram, em duelo**
**Expondo o peito, mas ceifando vidas,**
**Este, na luta, em zelo e em anelo,**
**O inimigo invisível combateu;**
**E, sem ninguém matar, por fim**
**morreu!**

*Eduardo Moreira*

**Nota da Redacção:** — Por ter saído com gralhas, voltamos a publicar neste número o VII Poemeto Filatélico.

Pedimos desculpa do nosso colaborador Sr. Rev. Eduardo Moreira, bem como a todos os nossos leitores.

## VIII Poemeto Filatélico

**(Diante do selo comemorativo do centenário da abolição da pena de morte em Portugal).**

**Lembrando o que escrito está**
**Nas tábuas da Lei de Deus,**
**A Justiça, a ofendida**
**Em preceitos que são seus,**
**No Tribunal julgará,**
**Da grei procurando o bem,**
**A quem quer que tire a vida...**
**— Mas sem lha tirar também!**
**Se a vida pertence a Deus**
**Com sua oportunidade,**
**Ele melhor julgará**
**Com justiça, amor, verdade.**

*Eduardo Moreira*

**Os seres mais inteligentes são os mais capazes de enganar.**

*Anatole France*

# ESCOTEIRO, ESCUTA E ESCUTEIRO

*Recentemente, a página de Escotismo de um diário da capital voltou a ocupar-se do debatido e velho assunto da grafia da palavra Escoteiro. O problema está suficientemente esclarecido, mas não resistimos à tentação de, uma vez mais, vincar o que de verdade se deve entender sobre um critério de ortografia.*

*Quando se fundou o primeiro Grupo de rapazes adoptando o Movimento criado em Inglaterra por Baden-Powell, os seus iniciadores designaram-no à maneira britânica: «SCOUTS». No ano seguinte, em 1912, os fundadores da Associação dos Escoteiros de Portugal não seguiram o mesmo critério. Estudaram a designação a dar ao Movimento e, inteligentemente, escolheram a palavra vernácula ESCOTEIRO, para o rapaz, e ESCOTISMO, para o sistema educativo.*

*Teriam procurado tradução para* **scout**? *Ora o* **scout** *inglês significa, como substantivo,* **explorador; batedor; sentinela avançada; espião; escuta;** *enquanto que, como verbo, quer dizer:* **ir à descoberta; vigiar de perto; explorar; espiar; enviar a reconhecer.**

*ESCOTEIRO, a palavra portuguesa escolhida, significa, segundo diversos dicionários existentes nessa época,* **aquele que viaja à ligeira, sem bagagem; rápido; ligeiro; só; desacompanhado.** *Pode também ser usado com o sentido de* **estafeta.** *Diversos escritores portugueses têm usado o vocábulo, como o grande Aquilino.*

*Parece pois que os fundadores do Escotismo em Portugal não pensaram apenas na tradução de* **scout,** *mas procuraram antes um termo que pudesse ser aplicado ao rapaz que participava no* **grande jogo** *sugerido por Baden-Powell. E merecem as nossas homenagens porque escolheram uma palavra que se impôs e vence todos os outros termos com que até hoje a quiseram substituir. Poderiam ter usado simplesmente* **scout,** *como fizeram doze anos mais tarde os fundadores da associação católica romana e diversas associações latino-americanas, ou adoptado o termo* **explorador,** *como outras associações de língua castelhana também fizeram.*

*O termo ESCOTEIRO, porém, conseguiu entrar no uso do povo e ninguém falava em* **scouts,** *mesmo quando se referia aos membros da associação católica. Mais tarde, talvez cerca de 1940, o «Corpo Nacional de Scouts» resolveu mudar de título. Estudado o assunto e porque queria manter a distinção, encontraram uma tradução para* **scout:** *— ESCUTA. Não nos parece necessário — como frequentemente se faz — discutir se* **escuta** *traduz ou não o vocábulo inglês* **scout.** *Certamente que* **escuta** *é uma das traduções aceitáveis. O que aconteceu, todavia, foi que o termo ESCUTA também não conseguiu favor do público e os próprios membros do C. N. E. escrevem e dizem ESCUTEIRO, grafando a palavra com «U». Mas com «U» ou com «O», a palavra que vence é aquele que foi escolhida pelos fundadores da A. E. P., porque* **escuteiro,** *mesmo com «u», não traduz* **scout** *senão na medida em que designa o membro do Movimento. Em 1912, escoteiro escrevia-se sempre com «O».*

*Pretender que os membros da A. E. P. se designem ESCOTEIROS e os do C. N. E. se devam designar ESCUTEIROS é capricho que não tem qualquer fundamento e que os autênticos escoteiros de qualquer das duas associações não podem aceitar. De resto, a persistência em estabelecer separações, distinções, em erguer barreiras, é vício que está deslocado na nossa época e não tem significado quer escoteiro, quer cristão. Escotismo sempre foi um ideal de amizade, um elo para congraçar os jovens e através deles os homens. Na época do ecumenismo, o Escotismo não poderá ser outra coisa. E, neste espírito, que significado poderá ter um capricho ortográfico?*

# DO ENTRONCAMENTO

**Grupo n.º 84**

Em 31 de Março passado, este Grupo de Escoteiros deslocou-se a Tomar, a convite do grupo local do Corpo Nacional de Escutas, para assistir a uma festa que constou de acampamento de fim de semana, promessa de novos lobitos e diversos jogos escoteiros.

Os lobitos do nosso Grupo tomaram parte numa gincana, em que quatro dos seus elementos se distinguiram pelo nível da sua actuação. — *C.*

**NOVO CORRESPONDENTE DE «SEMPRE PRONTO»**

Por motivos de sua vida particular, pediu a sua demissão de correspondente de «Sempre Pronto» no Entroncamento, o nosso estimado amigo e colaborador Sr. Manuel Ferreira Valério, que durante vários anos nos prestou bons serviços, pelos quais lhe estamos muito gratos.

Por sugestão do nosso ex-correspondente e por proposta do Chefe do Grupo n.º 84, Sr. Aníbal Rodrigues Horta, foi convidado para o cargo o caminheiro Carlos Manuel Soares, que aceitou e será, a partir de agora, o nosso representante junto do Grupo n.º 84 e dos nossos assinantes do Entroncamento.

O novo correspondente é um jovem escoteiro, entusiasta e dedicado ao Movimento, pelo que, estamos certos, irá prestar bons serviços para a divulgação de «Sempre Pronto», que sempre tem encontrado no Entroncamento bons colaboradores e dedicados amigos.




## Walter John Westwood

Em 7 do corrente, faleceu o nosso bom amigo e assinante sr. Walter John Westwood, que foi dos primeiros escoteiros do Grupo n.º 1.

O sr. John Westwood manteve sempre as melhores relações com os seus camaradas portugueses, sendo um assíduo frequentador das reuniões da Fraternal dos Antigos Escoteiros, de que foi sócio dos mais entusiastas, estimado, como era, pela lhaneza do seu carácter.

Era casado com a sr.ª D. Guilhermina Rocha Westwood, a quem apresentamos sentidas condolências, bem como à restante família de luto.




**SUÍÇA** — Extensas passagens do *Scouting for Boys* em alemão, foram publicadas em caracteres Braille.

**INDONÉSIA** — A associação escotista da Indonésia, a Gerakan Prajuika (tanto para escoteiros como para guias), participou no Jambori Mundial com 11 rapazes e na Conferência Mundial de Escotismo, que se realizou em Seattle, com 3 representantes.

A maior parte dos escoteiros indonésios é maometana. A sua insígnia é um coco e a saudação é executada com os cinco dedos, que representam a Pantjasila, isto é, as cinco bases da sociedade indonésia.

# O Grupo de Escoteiros de Ponte de Sor já tem Sede

Em edifício cedido pela Câmara Municipal de Ponte de Sor, foi recentemente inaugurada a sede do grupo de escoteiros local, filiado no CNE, com diversas cerimónias muito concorridas, em que estiveram presentes autoridades civis e religiosas, bem como deputações de grupos de escoteiros e de guias doutras localidades.

Na cerimónia também tomou parte uma deputação dos Escoteiros de Portugal, de Lisboa.

# *Humberto Martins*

«Sempre Pronto» tem o prazer de, a partir deste número, encabeçar algumas das suas secções com novos desenhos da autoria do nosso estimado amigo e assinante sr. Humberto Martins.

Agradecemos a sua valiosa oferta.

# Prece de um Pai

Sendo tão necessária a ajuda de DEUS para compreender os filhos e educá-los, dirijo-Te, Senhor Misericordioso, do fundo de minha alma, este ardente rogo:

Ajuda-me, Senhor, Te suplico, a compreender meus filhos, a escutá-los pacientemente quando tenham algo a dizer-me, e a responder a suas perguntas sem me alterar.

Não permitas que os interrompa e, muito menos, que os contradiga sem razão; concede-me a graça de ser sempre tão cortês para meus filhos como eu quero que eles sejam para comigo quando cresçam. Dá-me valor suficiente para confessar as minhas faltas contra meus filhos e para pedir perdão quando sinta que lhes fiz algum dano.

Não permitas nunca que fira, com meus actos, os sentimentos de meus filhos.

Evita que me ria dos seus erros ou que os castigue, envergonhando-os ou pondo-os a ridículo.

Nunca permitas que induza os meus filhos a mentir ou a tomar o alheio.

Guia-me sempre, Senhor, hora após hora, para que possa demonstrar-lhes, com tudo o que faça ou diga, que só a honestidade e a honradez trazem consigo a felicidade.

Faz-me cada dia mais humilde e que deixe já de lhe fazer contínuos *sermões*.

Quando sair fora de mim, ajuda-me, Senhor, a conter a língua.

Torna-me cego para não ver os pequenos erros de meus filhos, mas dá-me a Tua luz para ver bem as coisas boas que têm e que fazem.

Põe sempre em meus lábios a palavra justa para quando mereçam elogio.

Ajuda-me a tratá-los de acordo com a sua idade e não permitas que exija deles que raciocinem como adultos e tenham o juízo que só a experiência pode dar.

Não permitas que lhes roube a oportunidade de cuidarem de si próprios e de que pensem e levem a cabo as suas próprias decisões.

Uma coisa sobretudo Te peço, Senhor: que nunca permitas que chegue a castigar meus filhos sòmente para satisfazer o meu egoísmo e que nunca descarregue neles a minha ira.

Permite-me que possa conceder-lhes todas as satisfações que sejam razoáveis, mas ao mesmo tempo faz que tenha o valor suficiente para lhes não conceder qualquer privilégio que possa prejudicá-los.

Permite-me que seja tão equitativo, tão justo e amistoso para com meus filhos, que eles sintam autêntica estima por mim.

Concede-me, finalmente, Senhor Todo Poderoso, que seja sempre digno de que meus filhos me amem e de que me imitem no bem e que, guiando-os, os conduza a Ti. *Ámen.*

(Da «Revista Scout de las Americas» — Janeiro de 1968)




## Caminhamos ou retrocedemos?

Bem haja, João Carmo, pelos seus considerandos acerca do que em Janeiro findo escrevi sobre transplantações de corações, por de certo modo se prestarem a esclarecer os meus pontos de vista, quer sobre o caminhar ou retroceder, quer sobre o assunto que tanta atenção tem despertado pelo mundo fora.

Em meu modesto entender, «caminhar» é aproveitar a ciência no sentido de minorar as faltas dos nossos semelhantes, sem distinção de raças, credos, cores políticas e posições sociais; e «retroceder», portanto, o inverso.

No caso da transplantação de corações, serão os operadores capazes de actuar em igualdade de circunstâncias, recebendo, ou não, remuneração pelos seus serviços, conforme se trate de pessoas com ou sem recursos.

Admitindo que o vil metal não seja dispensado para se proporcionar aos sem recursos o que se proporciona aos mais abastados, não daremos nota bem evidente de retrocesso?

Como João Carmo, já reparei, no que respeita a explorações interplanetárias, pois no **Gazeta do Sul** de 16 de Janeiro de 1966, umas linhas que intitulei «*Será de louvar o progresso espacial sem que se resolva o problema social?*» através das quais as minhas dúvidas se acentuam sobre o bem que pode resultar para a humanidade das descobertas que os exploradores visam. São dessas linhas os seguintes períodos: «Será proveitosa para a humanidade a descoberta do que existe no espaço, quando na Terra abunda a miséria descoberta, que poderia encobrir-se com as importâncias que se despendem em aparelhos que o poder material de determinadas nações oferece ao mundo, talvez para a destruição de tudo e de todos? Nas coisas do espírito poucos pensam, porque os «ídolos» que na Terra se consideram pelo poderio material, conseguem com a sua personalidade inconfundível (chegam alguns a proclamar) atrair as massas com promessas grandiosas que, regra geral, deixam de ser cumpridas. Vivemos, assim, em campo vicioso, do qual dificilmente sairemos se não pensarmos quanto somos insignificantes em relação à obra do Criador. Pretendermos transpor outros mundos que admitimos existam, sem tratarmos do nosso, classificamos de ambição sem justa causa».

Se não fora a falta de espaço com que **Sempre Pronto** luta, solicitaria a transcrição das linhas sobre este assunto na íntegra, mas assim limito-me ao que julgo preciso para que João Carmo avalie da vontade que me anima no sentido de melhores dias para a humanidade.

*Joaquim de Sousa Piscarreta*

**Conhece-te a ti próprio.**
*Sócrates*

# Monsenhor Avelino Gonçalves

*Em 30 de Março findo, foram solenemente comemoradas, com diversas cerimónias, as bodas de oiro sacerdotais de Monsenhor António Avelino Gonçalves, director do nosso prezado colega* **Novidades**, *pois foi em 30 de Março de 1918 que recebeu as ordens de presbítero, na basílica de S. João de Latrão, em Roma.*

*A propósito deste facto, recordamos que Monsenhor Avelino Gonçalves há muitos anos que dedica ao Escotismo um interesse muito especial, tendo sido um dos fundadores do Corpo Nacional de Escutas e, mais tarde, do órgão daquela associação escotista, o nosso prezado colega* **Flor de Lis**, *que dirigiu até 1933.*

*Em 1929, fez parte do contingente português que se deslocou ao Jambori da Maioridade, realizado em Birkenhead, na Inglaterra.*

*Sempre se caracterizaram pela mais franca amizade as relações de Monsenhor Avelino Gonçalves com os Escoteiros de Portugal. Alguns dos nossos companheiros testemunham a sã camaradagem que o ilustre sacerdote manifestou, em diversas contingências, para com os elementos da nossa associação.*

*Na viagem para Inglaterra, aquando da nossa participação no Jambori da Maioridade, Mons. Avelino Gonçalves foi inexcedível de simpatia e afecto para com os componentes da delegação da A. E. P. Respigamos, de um número do nosso jornal, as seguintes palavras do Sr. Dr. Tovar de Lemos, que dirigiu o contingente da Associação dos Escoteiros de Portugal:* «Recordamos as excelentes relações da mais franca e leal camaradagem com a delegação do C. N. E., muito em especial a convivência com Avelino Gonçalves, esse grande dirigente da Acção Católica, espírito vivo, inteligente, diplomata e escoteiro. Estou a vê-lo dirigindo o embarque dos rapazes, chapéu enfeitado com flores e cantando com eles as nossas canções. Boas horas que já temos por vezes recordados juntos».

*É com a maior simpatia e prazer que* **Sempre Pronto** *se associa às homenagens que foram prestadas a Monsenhor Avelino Gonçalves, a propósito da celebração do cinquentenário da sua ordenação.*

## A propósito da fraternidade escotista

Continuação da pág. 1

Idade Média; da aventura seiscentista e da pedagogia da Renascença; ao ensinar a fraternidade na comparticipação afectuosa dos valores morais, os verdadeiros, os constantes.

Este companheirismo ideal entre escoteiros cultiva-se e desenvolve-se nos trabalhos de «equipa», no colóquio alegre, na compreensão familiar, no convívio da Natureza, no ensino mútuo, no esforço combinado, no desejo de servir, no temor de Deus, no propósito de amar.

Esse é o caminho da Fraternidade Escotista de que desejamos dar testemunho perante a confusão mundial.

*Eduardo Moreira*

## UM CRIME REPUGNANTE

Continuação da pág. 1

*çoeira premeditação e tão inconfessáveis desígnios? É suficiente referir que a detestável façanha mereceu a condenação unânime de todos os povos do mundo, indignados com o destempero com que certos sectores da sociedade enfrentam e eliminam os que lhes fazem frente.*

*Não tem sido brilhante, infelizmente, a história dos Estados Unidos da América nos últimos anos, pese embora ao período de franco desenvolvimento do seu potencial. A morte de Luther King veio fornecer mais motivos de decepção àqueles que ainda confiam no papel que a sociedade americana se propõe desempenhar nos conturbados dias que correm.*

*Não desanimemos, contudo. É certo que a criminologia conta ali com alguns dos seus mais famosos fautores. Todavia, pensemos que, alheando das tortuosas sendas de um banditismo organizado, que não tem peias, nem conhece leis nem princípios humanitários, há uma realidade que não se deve iludir: a capacidade desse povo para oferecer ao mundo figuras devotadas à consecução de ideais superiores, personalidades íntegras, convictas, resolutas que, como o Dr. Luther King, se dispõem a declarar com destemor:* «**Poderei ser crucificado. Poderei mesmo morrer. Mas quero que se diga, se vier a morrer em combate: ele morreu para que eu seja livre**».

## Uma Filarmónica Escoteira bem «afinada» para a prática da boa acção

Depois de ter tomado parte numa festa, a banda de música do 11.º Grupo de Gravesend, Grã-Bretanha, preparava-se para ocupar o autocarro que a aguardava para a viagem de regresso, quando uma senhora saiu de uma casa próxima a correr e veio solicitar que os escoteiros tocassem qualquer coisa para seu filho paralítico. Os escoteiros prontamente acederam e o pequeno doentinho foi trazido para o jardim para assistir ao pequeno concerto que lhe era dedicado

De tal forma a senhora se impressionou com o generoso acto dos escoteiros que lhes ofereceu uma nota de libra, que os rapazes de princípio se recusaram a aceitar, mas que depois receberam com a ideia de, com esse dinheiro, adquirirem um presente para o pequeno. Ao descobrirem que o doentinho gostava de gravuras numeradas para colorir, empregaram o dinheiro na compra de outras mais para o jovem artista vencer com a sua única mão utilizável. — *The Scouter.*

*Uma boa acção frutuosa*

## Como entrou o Escotismo na América do Norte

*Há anos, um turista americano, W. D. Boyce, encontrava-se em Londres, tentando descobrir uma casa de que possuía apenas o endereço, todavia pouco explícito.*

*Um rapaz que passava, reparando que o forasteiro se encontrava em dificuldade, chegou-se junto dele e perguntou-lhe:*

*— Posso ser-lhe útil nalguma coisa?*

*Boyce disse-lhe o que desejava, ao que o rapaz respondeu polidamente:*

*— Faça o favor de vir comigo.*

*Chegados, enfim, ao local pretendido, Boyce, como qualquer turista americano faria, ia dar uma gratificação ao rapaz, mas este recusou, dizendo simplesmente:*

*— Agradeço muito, mas não posso aceitar. Eu sou escoteiro!*

*— Escoteiro?! — volveu o americano, surpreendido. — Mas que é isso?*

*E, em face da ignorância de Boyce acerca do assunto, o rapaz elucidou-o acerca dos princípios e dos fins do Escotismo. Perante a curiosidade de Boyce, ficou combinado que este visitaria a sede do grupo a que pertencia o jovem escoteiro.*

*Assim aconteceu e tal foi a impressão causada no viajante pelo gesto do escoteiro e pelos princípios escotistas que, no ano seguinte, de volta ao seu país, W. D. Boyce e outras individualidades interessadas em movimentos de educação da mocidade, fundaram a* **Boy Scouts of America**, *que conta hoje muitos e muitos milhares de escoteiros e, no ano passado, organizou o XII Jambori Mundial.*

*Que proveitosa B. A. a do jovem escoteiro inglês!*

ANTIGOS ESCOTEIROS

# A visita da Fraternal dos Antigos Escoteiros ao Panteão Nacional de Santa Engrácia

Foi, sem dúvida, uma extraordinária lição de arte e arquitectura religiosas a que todos nós, participantes na visita efectuada em 17 de Março findo ao Panteão Nacional de Santa Engrácia, tivemos a felicidade de escutar ao ilustre director deste Monumento Nacional, Sr. Dr. Farinha dos Santos, o qual, empossado nas suas funções dias antes, foi apresentado aos visitantes pelo antigo Conservador do mesmo Monumento, Sr. Mário Afonso Neves, dignissimo funcionário dos Serviços dos Monumentos Nacionais e, também, antigo escoteiro.

Eminente investigador e arqueólogo, membro da Associação dos Arqueólogos Portugueses e distinto professor da Faculdade de Letras, o Sr. Dr. Farinha dos Santos começou por se referir à época da construção dos primeiros templos do Cristianismo, cujas coberturas eram de madeira, mais tarde substituídas por abóbadas de pedra, chamadas de berço, origem do estilo românico, assim designado, devido ao facto de ter por base o arco romano de volta plena ou perfeita, o que veio permitir o alargamento das igrejas por um maior afastamento das suas paredes. A estas abóbadas de berço, suceder-se-iam as chamadas abóbadas de aresta, nas quais, nervuras de arcos de pedra entrecruzados, ajudam a suportar o peso destas abóbadas. Neste tipo de construção, as paredes eram grossíssimas e reforçadas por contrafortes ou botaréus, tendo por finalidade o suporte destas pesadas abóbadas. A planta, que era anteriormente em forma de cruz grega, isto é, com os quatro braços iguais, passa a ser em forma de cruz latina, ficando para a parte superior da cabeça da cruz a abside, o altar-mor, aquela, por vezes, rodeada de capelas contíguas em disposição colateral. Como exemplo deste tipo de construção, citou o Sr. Dr. Farinha dos Santos a Sé de Lisboa.

Prosseguindo na sua admirável lição, proferida com natural simplicidade, por todos atentamente escutada e apreendida, mas repassada de elevada espiritualidade e sentimento artístico, o Sr. Dr. Farinha dos Santos, depois de se referir ao estilo gótico, transporta-nos, numa notabilíssima síntese, à época da construção da Igreja de Santa Engrácia, cuja primeira pedra foi lançada em 1682. Nela trabalhou o famoso arquitecto João Nunes Tinoco. Pela profusão dos seus mármores, grandiosidade da sua concepção, a magnífica cúpula que lhe serve de remate, lembra, em ponto pequeno, a Basílica de S. Pedro, afirmou o orador, que, seguidamente, historiou as várias fases da construção do Templo até à sua inexplicável paragem, por motivos que se ignoram, e viria a ficar centenas de anos com a larga abertura circular, que ora foi fechada com a construção da monumental cúpula, pondo assim fim ao velho aforismo popular das «Obras de Santa Engrácia», para significar algo que jamais estaria terminado. Acentuou ainda o Sr. Dr. Farinha dos Santos a forma da planta do Templo, em feitio de cruz grega, pouco vulgar no nosso país, e chamou a atenção dos visitantes para os formosas abóbadas em meia concha, que emprestam ao monumento um conjunto de rara beleza arquitectónica.

Passando ao exterior da igreja, forneceu o Sr. Dr. Farinha dos Santos larga cópia de pormenores sobre a fachada e porta principal. Novamente no interior, e sempre solicitamente acompanhados pelos Srs. Dr. Farinha dos Santos e Mário Neves, foram visitadas a Sala dos Poetas e Escritores e a dos Presidentes da República. Na primeira, repousam Almeida Garrett, João de Deus e Guerra Junqueiro. Na segunda, os Doutores Teófilo Braga e Sidónio Pais e o Marechal Carmona.

No corpo central da Igreja, em cenotáfios, estão simbolizados, como expoentes máximos do génio português e da sua expansão no mundo, Nuno Álvares Pereira, Infante D. Henrique, Afonso de Albuquerque, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Luís de Camões.

Seguiu-se a subida ao Terraço, no decurso da qual se visitou a Sala das Maquetes e se admirou o circuito interno de televisão, que permite ao Maestro dirigir a orquestra nas grandes cerimónias litúrgicas.

Chegados ao Terraço, de onde se disfruta um deslumbrante panorama de Lisboa a prolongar-se para sul do Tejo, batidos por um sol radioso, o nosso companheiro Luís Aurélio, em nome da Comissão Cultural da Fraternal, promotora da visita, agradeceu ao Sr. Dr. Farinha dos Santos e Mário Afonso Neves as facilidades concedidas para a sua concretização e fez-se eco da gratidão e satisfação de todos os presentes pela forma gentil e cativante como havíamos sido recebidos.

Seguidamente, fez-se uma breve evocação do Escotismo e da origem da Fraternidade Mundial dos Antigos Escoteiros e Guias, para explicar o simbolismo dos distintivos da Fraternal que iam ser oferecidos ao Sr. Dr. Farinha dos Santos e ao antigo escoteiro Sr. Mário Afonso Neves, convidando, para fazer entrega destas insignias, respectivamente os companheiros Humberto Martins e Pereira da Costa, presidente e vice-presidente da Direcção da Fraternal.

Em resposta, o Sr. Dr. Farinha dos Santos, agradecendo, disse quanto se sentia satisfeito por nos ter recebido e, perante a agradável surpresa de todos os presentes, declarou que também ele fora escoteiro e à sua passagem pelo Escotismo, que recordou com saudade, deve muito do que hoje é. Estivemos, pois, entre dedicados e ilustres Companheiros e, deste modo, terminou uma das inolvidáveis visitas culturais da nossa Fraternal.

Teve esta visita larga repercussão na Imprensa, nomeadamente nos jornais: **Diário de Lisboa** e **A Capital**, os quais, nessa mesma tarde, publicaram desenvolvidas reportagens acompanhadas de fotografias, o que muito nos apraz registar e nos cumpre agradecer.

## Noticiário da Fraternal

**A reunião da tertúlia realizada em 23 do mês passado**

Por lapso de que pedimos desculpa, na notícia que, desta reunião, demos no último número, não dissemos que esteve presente a Sr.ª D. Ernestina Clímaco do Nascimento Raposo.

Também não referimos que, nessa reunião, se comemorava o X Aniversário da Secção Filatélica da Fraternal.

Aqui ficam as rectificações.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

## Quem foi S. Jorge?

O Dia do Escoteiro é comemorado anualmente em 23 de Abril, Dia de S. Jorge, oportunidade que os escoteiros aproveitam para renovar o seu Compromisso de Honra e ratificar o seu desejo de prosseguir na cruzada de extirpar o Mal da face da Terra, continuando assim a tarefa do cavaleiro da lenda.

. . . . . .

Que cada escoteiro, ao renovar a promessa de fazer todo o possível por *servir a Deus e à Pátria, auxiliar o próximo em todas as circunstâncias e obedecer à Lei do Escoteiro*, possa ter bem presente o exemplo desse cavaleiro S. Jorge e ser fiel ao seu Compromisso até à morte.

O simbolismo da lenda de S. Jorge é belo e inspirador, mas a vida deste servo de Deus, apesar de mal conhecida, tem o valor duma realidade, e os seus actos, de verdadeiro heroísmo e lealdade, têm para nós o apreço de terem sido cometidos por um homem, portanto, actos à altura das possibilidades de qualquer escoteiro que saiba pôr a sua confiança em Deus.

## TRANSCRIÇÕES DE «SEMPRE PRONTO»

No seu número de 23 de Março p. p., o nosso colega «Comércio de Gondomar» transcreve o artigo «*Reconstruir*», da autoria do nosso redactor sr. Mariano Garcia, que publicámos no número de Outubro de 1967.

Agradecemos.

## DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

**Visita** — Tivemos o grato prazer da visita do nosso estimado amigo e assinante Sr. Manuel Agordela, que, depois de larga presença em Lisboa, há cerca de ano e meio fixou residência no Porto. Agradecemos e desejamos-lhe muitas felicidades.

SEMPRE PRONTO

Número 276

Abril de 1968

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

# O MOVIMENTO MUNDIAL DAS POUSADAS DE JUVENTUDE

**Um professor primário teve a ideia e fez erguer a primeira Pousada em 1909. Actualmente, em mais de 30 países, milhares de Pousadas estão à disposição dos jovens que, deste modo, podem correr mundo com pouco dinheiro, sob condição de participarem com algum trabalho na conservação das instalações**

*Do «Boletim da Mocidade», transcrevemos com a devida vénia:*

I

No ano de 1909, o professor primário alemão Richard Schirrmann concretizou a ideia de erguer, no seu país, uma «Pousada de Juventude».

Foi, portanto, este o primeiro passo duma iniciativa que permitiu a Schirrmann proporcionar aos seus alunos e aos jovens em geral deslocarem-se da sua localidade em pequenas excursões de estudo, ou, simplesmente, em circuitos de carácter turístico para um melhor aproveitamento das suas horas livres, na medida em que o problema dos alojamentos em condições económicas aceitáveis ficaria, assim, resolvido em grande parte.

Tornava-se necessário, porém, como era evidente, dotar a região com outras unidades semelhantes de molde que constituíssem uma verdadeira «rede» de abrigos, susceptível de satisfazer, da melhor forma, o fim em vista.

Todavia, as possibilidades do mestre-escola germânico eram muito reduzidas para empreendimento de tal envergadura, e ser-lhe-ia totalmente impossível concretizar o seu plano sem o aparecimento do industrial Wilhelm Müsker, seu compatriota, o qual lhe deu completo e decisivo apoio.

Assim, conjugando esforços, já no ano seguinte (1910) a ideia de Schirrmann conseguiu enraizar e, prosperando de forma notável, ràpidamente se propagou e concretizou em quase todas as regiões da Alemanha.

Após a Grande Guerra de 1914-1918 — ou melhor, entre 1925 e 1930 — o movimento de Pousadas de Juventude estendeu-se a vários países europeus, nomeadamente à Suíça, Holanda, Dinamarca, Polónia, Inglaterra, Áustria, Bélgica, França e Checoslováquia, até que, por volta de 1934, atingiu o continente americano, com a abertura da primeira Pousada em Northfield, nos Estados Unidos.

Verificou-se, depois, novo surto de progresso, neste sector, imediatamente a seguir à última conflagração mundial, em todos os Continentes, que originou a criação da Federação Internacional de Pousadas de Juventude (IYHF — International Youth Hostels Federation), com estatutos próprios e sede na capital dinamarquesa. A Federação engloba as diferentes entidades ou associações de cada país que superintendem nas respectivas «Redes Nacionais».

Além da uniformidade de funcionamento das Pousadas em todo o Mundo, pretende a Federação Internacional possibilitar e estimular o intercâmbio juvenil e, desta maneira, facilitar a amizade e a compreensão entre os jovens das diferentes nações.

Mas, perguntar-se-á, o que se entende, concretamente, por «Pousadas de Juventude»?

Inicialmente, consistia num edifício de maior ou menor capacidade, dispondo de de dormitórios simples e separados para ambos as sexos, bem como as respectivas instalações para a higiene individual, sala de convívio e cozinha que permitia a confecção de refeições.

Melhoradas e aperfeiçoadas, gradualmente, grande número de unidades dispõem já de serviço de preparação de refeições devidamente centralizado e respectivos refeitórios de auto-serviço.

A orientação e a fiscalização de cada unidade é da responsabilidade de um casal, os «Pais de Pousada», os quais, em geral, preparam eles próprios, simultâneamente, as várias refeições para os utentes da sua Pousada.

Os jovens, por sua vez, dão também o seu contributo, participando, diàriamente, nas limpezas normais das instalações, devidamente orientados pelos «Pais de Pousada».

Franqueadas, em todo o Mundo, por preços módicos e preestabelecidos, a todos os rapazes e raparigas portadores de cartas internacionais — emitidas pelas respectivas entidades federadas de cada país — as Pousadas podem ser utilizadas por todos os jovens dos catorze aos trinta anos, normalmente, segundo as regras internacionais devidamente afixadas em cada unidade, por períodos não excedendo, em geral, três dias.

Com o desenvolvimento progressivo das actividades turísticas em todo o Mundo, processou-se, também, um correspondente aumento das instalações destinadas à Juventude e, assim, as Pousadas atingiram um elevado grau de aperfeiçoamento e o seu número, presentemente, compreende, em mais de trinta países, vários milhares de unidades dispondo, globalmente, de dezenas de milhares de leitos.

Muitas, são constituídas por instalações de grande volume que, por vezes, ultrapassam a capacidade de quatrocentos lugares.

A média, porém, poderá computar-se em cerca de sessenta leitos.

Instaladas, umas, em velhos edifícios, devidamente adaptados, outras, já muito numerosas, possuindo instalações construídas especialmente para o fim em vista, as Pousadas multiplicam-se e chegaram a Portugal por intermédio da Mocidade Portuguesa, com perspectivas de grande interesse.

II

Em Portugal, o movimento das Pousadas de Juventude iniciou-se no ano de 1953, por intermédio da Mocidade Portuguesa, com a abertura de uma unidade na praia da Areia Branca, situada, como se sabe, entre as vilas da Lourinhã e de Peniche.

Excelentemente localizada, em zona de grande beleza, a Pousada de Juventude da Areia Branca, que dispunha de todas as condições para o efeito, foi realmente a unidade que permitiu, pouco depois, a nossa filiação na Federação Internacional, após uma visita efectuada por dirigentes estrangeiros responsáveis que, para o efeito, se deslocarem expressamente ao nosso país.

Seguiu-se a entrada em funcionamento de uma nova unidade, a de Catalazete, em Santo Amaro de Oeiras, em plena Costa do Sol, portanto.

Progressivamente foram abrindo novas unidades disseminadas pelo nosso território metropolitano, dispondo o nosso país, actualmente, de cerca de duas dezenas de Pousadas ao serviço dos jovens nacionais e estrangeiros.

Além das Pousadas de Catalazete e da Areia Branca, existem, ainda, as seguintes:

Beja, Braga, Covilhã, Esposende, Évora, Faro, Fátima, Guarda, Lagos, Lisboa, Nazaré, Sagres, Santarém, São Bruno, São Pedro de Muel, Viana do Castelo e Viseu.

Embora em número modesto para as presentes exigências do turismo juvenil, a actual rede portuguesa está a ser objecto de estudos tendentes à melhoria das suas condições de funcionamento e à sua indispensável ampliação.

Esperemos, em Deus, que assim possa suceder dentro em pouco.

*José Manuel Imaginário*